

REVISTA DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

ANO 1940 E ESTRANGEIRO
SEMESTRE 570 ANO 3400
NÚMERO AVULSO 6 CENTAVOS

ANO III LISBOA, 20 DE MARÇO DE 1919 N.º 66

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACITOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegouaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

CAMINHOS DE FERRO INTERNACIONAES

Dois jornaes portugueses, o *Diário de Notícias*, de Lisboa, e o *Primeiro de Janeiro*, do Porto, arvoraram-se, agora, em arautos da santa causa da defeza dos interesses nacionaes, erguendo sua voz em grita, pelo facto de se esboçar a possibilidade da efectivação d'uma linha directa atravez a Hespanha, ligando a fronteira franceza ao mesmo Paris, rapidamente com o porto de Algeciras.

O mesmo brado de alarme envolve, tambem, o clamor contra um outro projecto—parece que já esboçado—d'uma nova linha, dando o acesso do porto de Vigo á interceptão da que se projeta entre Algeciras e Paris; o que, segundo a autorisadissima opinião dos dois conceituadissimos colegas, viria— a realisar-se qualquer ou mesmo os dois projectos—isolar por completo o porto de Lisboa, afastando-nos assim do convívio social da Europa.

E' facil de calcular a impressão originada no publico pelos dois colossos jornalísticos, que se tem posto «au grand air», a gritar «ao da guarda», sem todavia, agora como nunca, sugerirem a fórmula pratica de defeza, nem tampouco apoiarem a que possam encontrar algures, como por exemplo, n'esta Revista, auxiliando-a a crear a corrente d'opinões que se torna necessaria para n'este paiz se conseguir qualquer coisa.

E, se bem que uma grande maioria d'esse publico reduza ao seu natural valor a concorrência que se pensa efectivar ao porto de Lisboa, é certo, todavia, que a outra parte, lendo tambem os referidos periodicos, está supondo que, d'aqui a alguns mezes, pela barra do Tejo apenas se fará

o movimento marítimo indispensavel ao abastecimento do Paiz.

Na justa apreciação dos factos, devemos dizer que «nem tanto ao mar, nem tanto á terra».

Efectivamente, se a construção da linha atravessando a Hespanha desde a fronteira franceza até Algeciras obedece—como é de crer—mais á intensão de concorrer o porto de Lisboa, do que ao estabelecimento da ligação rapida de Londres ao Cabo por meio d'um transafricano (sobre o qual incidiu a nossa apreciação em o n.º 51 d'esta Revista), não ha duvida de que é mais do que tempo para tomarmos as mais rapidas e energicas medidas de defeza.

E se bem que seja velha, já, essa aspiração da visinha Hespanha, o certo é que o momento é, agora, oportuno para ela se efectivar. Portanto, urge que, pela parte, cortemos o fio a essa esperançosa realisação; o que, aliás, não nos parece difficil, se se pensar a sério na resolução do problema.

Estamos confiados em que assim ha de succeder, por se tratar d'um caso de vida ou de morte.

As altas esferas governativas comprehendem já a gravidade da situação, tendo nomeado uma comissão, composta dos representantes dos caminhos de ferro interessados no trafego internacional, d'outros que tem sobre si a direcção do porto de Lisboa e dos serviços alfandegarios e, ainda, do illustre director da Repartição de Turismo, para se occupar do caso, apresentando com a maior brevidade um relatório contendo as soluções praticas e de rapida execução que devem ser adotadas.

Dadas as qualidades d'esses comissionados, é de esperar que os alvitre apresentados sejam de molde a defender cabalmente os interesses portuguezes; só nos restando aguardar que o governo os ponha em execução sem delongas.

□□□

Permitindo-nos, porem, imiscuir-nos no caso (o que nos auctorisa a indole d'esta Revista) vamos expor sucintamente o nosso pensamento a tal respeito.

Quanto a nós, ha um meio facil e rapido de contrariar essa aspiração da nossa visinha nação—é o de estabelecer-se a ligação rapida e comoda do Rio de Janeiro com Paris—ou seja do Brazil com a França. Estabelecida ela em condições de manifesta superioridade, nada teremos a recear.

Como efectival-a?

Pela maneira já por diversas vezes aqui indicada—completando-a, com outros alvitre cuja pratica, porventura, se torne necessaria para o seu completo exito.

Essa maneira consiste simplesmente em se instalar na capital do Brazil uma agencia de propaganda e informações sobre Portugal, com ramificações em todas as grandes cidades da America do Sul, de forma a estender uma rede de angariação de passageiros para a Europa Central pela via mais curta—Rio—Lisboa—Paris.

A' missão d'essa agencia, a que deve ser tambem atribuido o encargo da venda de bilhetes directos e de proporcionar aos passageiros internacionais as maiores facilidades de transporte proprio e das suas bagagens, tem de corresponder uma bem coordenada acção no continente, por meio de facilidades de desembarque, rapidez nas formalidades sanitarias e aduaneiras.

ras, bem como na correspondência do seu seguimento pela via terrestre, oferecendo-se-lhes um comodo e rapido serviço de comboios expressos.

Esta é a primeira «étape», e se bem que haja uma certa complexidade em todos os factores, que podem levar-nos a esse desejado *desideratum*, a sua harmonica conjugação far-se-ha relativamente facil se o as-

sumpto fôr confiado a quem mostre competencia e tenha condições para desempenhar o cargo que ele impõe, e se esse agente encontrar, alem de boa vontade na concessão do auxilio de que carecer, a noção do patriotismo que é indispensavel haver em todos os interessados que, na resolução pratica e rapida d'este caso, devem estar empenhados.

O TURISMO EM PORTUGAL

A MAGNA QUESTÃO HOTELEIRA

No Relatório dos Serviços da Repartição de Turismo, referido a 1916-1917, diz o ilustre Director d'essa Repartição, sr. Dr. José de Athayde, no capitulo relativo ao congresso hoteleiro que se realizou em Lisboa nos fins do mez d'Abril de 1917, que «esse congresso marca uma *étape* gloriosa na vida hoteleira e turistica do paiz.»

Não ha duvida de que assim é, se o classificarmos simplesmente pela natureza das theses apresentadas, pelo valor dos seus auctores, pelas afirmações que n'ele fez o então Ministro do Fomento e, ainda, pela selecta assistência que concorreu ás suas sessões.

Mas... mais nada.

Todas as resoluções ali adoptadas, todas as promessas n'ele feitas, tudo —emfim—quanto se disse e que sonoramente ecoou pela sala das sessões, serviu apenas para encher a volumosa acta d'esse Congresso, que hoje sómente constata a sua realização, na resumida historia do turismo em Portugal.

E, talvez por isso, outro não voltou a realizar-se.

Francamente a nossa expectativa mais uma vez se iludiu, pois apezar de conhecermos o meio que nos cerca e as suas vicissitudes, não pudémos nunca supôr que, de tanto entusiasmo e de tão prometedo acolhimento ás idéas expendidas n'essa assembleia de verdadeiros technicos no assumpto, nada—absolutamente nada resultasse de pratico, de util e de benefico, não só para os interesses da nação mas principal e inclusivamente para os dos proprios hoteleiros.

—Triste coisa!

—Triste sina a d'este Paiz!

Quem, porém, ouvir os hoteleiros portuguezes e não conheça tudo quanto

já se tem feito para melhorar a sua industria, fica pensando que a culpa não é d'eles, mas sim do desleixo a que votamos as mais instantes necessidades nacionaes e do pouco zelo que nos merece a defeza dos nossos proprios interesses; ou, então, se interpretar as suas palavras pela dupla acepção, supõe—e com razão—que, na quasi generalidade, esses industriaes são... o que o pensamento dictar n'esse momento.

Póde, porém, tolerar-se a continuação d'este estado de coisas?

E' justo, é patriótico, é humano que se deixe ao completo abandono e simplesmente entregue ao irracional alvedrio de quem pensou fazer do hotel uma exploração ignobil, uma industria que em muito deve contribuir para o engrandecimento do paiz, para o desenvolvimento do turismo e para o equilibrio da economia nacional?

E' razoavel que se consinta um semelhante estado de coisas que, afectando directamente todos os interesses beneficiarios do turismo, serve tambem para desprestigiá-lo o nome portuguez?

Não póde nem deve ser.

A industria hoteleira exerce um papel de tal modo importante na vida d'uma nacionalidade e tem, em Portugal, um logar de tal destaque na industria das viagens, que se torna absolutamente necessario e inadiavel sugeital-a a uma tutela ou a uma direcção superior, para que produza os efeitos que lhe são legitimamente exigidos da sua acção dentro não só das forças vivas do paiz, mas especialmente, do vasto circulo do turismo, que não póde manter-se sem uma boa e pratica exploração hoteleira.

Isto no que respeita ao existente.

Ha, porém, um outro problema: é o numero deficientissimo de hoteis, principalmente nas grandes cidades.

Em Lisboa, pelo menos, os hoteis em exploração, além de quasi todos se acharem modestamente instalados, são insuficientes já para alojar a população fluctuante que, de dia para dia, vae crescendo. E se até ha poucos anos não havia aqui um bom e luxuoso hotel, que pudesse razoavelmente alojar viajantes estrangeiros, ainda mais essa falta se fez sentir depois que fechou o antigo «Braganza». Muito embora esse hotel não se pudesse classificar, na actualidade, como sendo de primeira cathogoria, a sua clientela proporcionava-lhe todavia uma atmospheria de superioridade que o impunha á distincção de acolher estrangeiros illustres.

Ultimamente tambem o Grande Hotel Central, onde o seu proprietario se propunha introduzir os mais modernos e comodos aperfeiçoamentos, encerrou as suas portas.

De maneira que, como melhor hotel, possuímos, actualmente o «Avenida-Palace» que, não obstante a sua mais cuidada direcção, está ainda longe de poder assimilar-se aos hoteis estrangeiros de 1.^a ordem.

Quanto aos outros, toda a gente sabe o que eles são. E se, até certo ponto, pódem satisfazer a clientela nacional, a sua instalação, assim como os seus serviços, são mais do que deficientes para corresponderem ás exigencias dos viajantes estrangeiros.

Estamos, pois, em face d'um dos mais graves problemas para a industria do turismo e para a defeza dos nossos interesses: gravidade que, por certo, ha de ter sido já reconhecida pelos membros da comissão ha pouco nomeada pelo Ministro dos Abastecimentos, para estudar a forma de evitar a concorrência dos projectados caminhos de ferro internacionaes.

Urge, portanto, que se tomem providencias energicas e immediatas para melhorar a actual situação e para a defeza dos interesses nacionaes, sob pena de perdernos tudo quanto poderíamos vir a ganhar da industria do turismo.

O momento é unico para que se possa conseguir alguma coisa de beneficio e de util n'este capitulo; e estamos certos de que a Comissão acima referida, ha de sugerir os meios praticos a adoptar-se para dar á industria hoteleira o seu justo valor, tanto mais que d'essa Comissão fazem parte representantes d'outras industrias, cujos interesses, se muito podem ser affectados pela concorrência que se pretende fazer ao porto de Lisboa, não menos serão lezados se em Portugal não houver hoteis dignos d'este nome.

JOSÉ LISBOA.

CARTAS DE PARIS

IMPRESSÕES DE VIAGEM

Ainda em Madrid — O rápido de Hendaya — Eça de Queiroz — Formidáveis restaurantes

A vida de Madrid, para nós portugueses, tem, a par da sua grande animação, que nos impressionava sensivelmente, uma extravagância que nos arrelia: são as refeições. Em Madrid suprimiu-se o jantar; e, por isso, só nos é dado almoçar entre a 1 e as 3 da tarde, e *cenar* das 8 e meia da noite em diante. Fóra d'isto, além do pequeno almoço, servido a qualquer hora da manhã, e do classico café que se toma a toda a hora, nada mais nos resta como refeição, frugal ou inteira. Um estrangeiro que em qualquer restaurante pedisse de jantar entre as 4 e as 7 1/2 da noite, corria o risco, não só de não ser servido, como também de aprender sem desejar—talvez—os *mais íntimos costumes* hespanhoes.

Para o madrilenho, o espaço de tempo que vai da 1 às 3 horas da tarde, ou das 8 às 10 da noite, é destinado ao repasto e, por isso mesmo, classificado como sagrado, não podendo, sob pretexto algum, ser perturbado com uma importunidade.

Assim, a vida madrilenha tranquilisa-se n'uma reserva pacata durante essas horas calmas, não havendo nada que possa alteral-as.

Por este motivo os theatros só começam às 10 ou 10 e meia da noite, prolongando-se então a vida nocturna até às duas da madrugada, com o mesmo movimento nas ruas que tem Lisboa antes da meia noite.

Mas não se pense que estas horas tardias são só aproveitadas pela gente rica, ou pelos freguezes do Palace-Hotel ou do Hotel de Roma; são-n'o, também, por todo o madrilenho, desde o *monosabio* em disponibilidade até o banqueiro e o janota.

A proposito do *Palace-Hotel*, não quero deixar de consagrar aqui a minha amargura pelo progresso da capital visinha, em confronto com a nossa parca industria hoteleira.

Madrid dispõe hoje, além do *Palace-Hotel*, cujo luxo e conforto se eguala aos dos primeiros hoteis da Europa, do *Ritz*, de igual quilate, do *Roma*, do *Inglez*, hoteis estes que são em comodidade também considerados de 1.ª classe.

Depois—repare-se—estes quatro ho-

teis dispõem de alojamentos para tres mil viajantes!

Nós, em compensação, temos... casas de batota muito luxuosas e atraentes, para seis mil pontos!...

Tres dias de demora na *Vila Coronada* são o bastante para quem quer descansar das fadigas da viagem e para vêr os museus, em que, aliás, seriam precisos bem seis, para que nada restasse á nossa admiração, visto não só esses repositórios de arte, mas inclusivamente a cidade, encerrarem bastantes maravilhas.

Decorridos, porém, os tres dias do meu programa, resolvi partir no unico comboio rápido que ainda resta do serviço antigo! Mas ficou esse, e é bastante.

Quando, ao apearm-me do calhambeque de praça que me conduziu á estação, eu ia conformando o espirito a suportar em breve a velhice das carruagens que comporiam esse comboio e do atraso certo que ele soffreria pela dificuldade de vencer as fortes rampas da Velha Castela, descortinei a través da vidraça da gare, um magnifico comboio, composto de excellentes carruagens de *bogies*, fiquei pasmado de tanto conforto e de tanto modernismo.

Efectivamente, era esse o rápido de Hendaya, que se estendia luxuoso pela plataforma, composto de seis grandes vehiculos de primeira classe, duas carruagens-leitos, tendo atrelada á cauda uma carruagem de 3.ª classe do mesmo typo. Eram todas novas em folha (ou talvez reparadas) com corredor lateral e tapetes macios, aquecimento confortavel, iluminação a gaz e outras comodidades modernas e indispensaveis.

A's dez da noite partiu, e uma hora depois estavamos, sem mais detenções, no Escorial—50 kilometros. A marcha era boa, e melhor seria se a linha não fosse assente, como é, em uma montanha russa.

Tres companheiros amaveis completavam, comigo, os locatarios d'aquello compartimento de oito pessoas.

Falei-lhes com entusiasmo de Hespanha, do seu progresso, da sua arte, da sua literatura; eles, em troca, enalteciam o valor de uma grande figura literaria portugueza, Eça de Queiroz, cuja obra—afirmaram—estar tendo, em toda a Hespanha, um successo tal, que nenhum outro escriptor se lhe egualava!—Eu já sabia, um pouco, d'essa consagração—disse-lhes—e

mostrei-lhes as *Cartas de Inglaterra*, do grande mestre, traduzidas para o castelhano pelo meu querido amigo D. Aurelio Viñas, de que em breve me occuparei n'esta Revista. Os meus companheiros, abrindo as suas maletas, mostraram um volume igual. Não se pôde ser mais finamente amavel para com um estrangeiro!

Ambos tinham comprado o delicioso volume: ambos aproveitaram o feliz momento de render uma homenagem a Portugal.

Não se suponha, porém, que eram dois bibliographos, não; um d'eles era um simples comerciante de Zamora; e o outro, rapaz de 20 ou 22 anos, era um modesto caixeiro de armazem por grosso, em Valladolid.

A's 7 da manhã chegavamos a Miranda do Ebro, onde os criados do bufete vieram anunciar que tinhamos 20 minutos para o nosso café.

Descemos. O vasto restaurante encheu-se rapidamente sem encontrões, com aquella regularidade pacifica que rege as Hespanhas.

Ali mesmo notámos que a febre gananciadora ainda lá não tinha chegado. Uma vasta tigela de café com leite, acompanhada de pão e de manteiga á descripção, foi servida a cada viajante pela modica quantia de 75 centimos, o que, ao cambio par, representa 150 réis.

Entramos agora, na parte mais acidentada e mais interessante da linha; e dentro em pouco o comboio, silvando com alegria, mergulha no Paiz Vasco, onde os serros, vestidos de um verde leve, lembram a Suissa, e onde os casaes brancos, entre o arvoredo, fumegantes e lindos, nos dão a firmeza de uma vida tranquila e cheia de paz.

«S. Sebastian, S. Sebastian», veio o moço do comboio a gritar, annunciando ao mesmo tempo—*Que no ay tiempo para detener-se*. E na alegre praia hespanhola (que por mais que queiram não conseguem fazer d'ela uma estação de inverno) apeiam-se quatro viajantes, que logo são arrebatados pelos corretóres de hoteis, ávidos de clientes.

Emfim! A's 12/25 isto é—rigorosamente á tabela, entramos na primeira cidade franceza—Hendaya, onde nos espera a maior tortura, a que em nome da ordem e da tranquillidade, nos temos de sujeitar.

Ahi os passageiros apeiam-se, e logo um guarda, de bigodeira irritante, indica com o dedo espetado um corredor estreito como uma divisação de curral.

E' a fiscalisação dos passaportes.

Mas áquela hora, com uma noite perdida, o que nos apetecia era almoçar; e n'esse sentido, reclamámos cabotina e separadamente.

Não houve, porém, palavras que convencessem o *argus* a deixar-nos entrar a porta do bufete, e ali poder-mos almoçar com sentinela á vista. Emfim, cumpra-se o fado! Lá ficámos, durante uma hora, de pé entre uma grade, sem que uma porta se abrisse e nos dêsse a visão de haver ali alguém com ideia de nos atender.

Passada essa hora, que me pareceu bem mais do que um século, lá se abriu um postigo, e uma cabeça espreitou, fechando-o depois novamente.

Novo compasso de espera se seguiu.

A nossa anciedade e a nossa fadiga começaram a manifestar-se e já um ruído, abafado por palavras prudentes, se fazia sentir, quando se abriu a porta e, um a um, lá foram entrando todos os passageiros para uma sala, onde eram saturados com perguntas, com reflexões e interrogações, emfim — o diabo.

Quizemos passar ao restaurante, eram duas e meia; impossível ainda. Um novo polícia nos indicou as bagagens e só depois de bem vistas, bem remechidas e bem examinadas é que conseguimos ultrapassar os humbraes do desejado bufete, onde a nossa fraqueza reclamava um largo repasto.

Sentámo-nos á mesa, e esperámos o primeiro prato. Qual é, porém, a nossa estupefacção quando nos serviram... uma sardinha! Vem outra certamente, pensámos. Tal não succedeu. Apareceu o segundo prato, que conduzia uma rodela de salame, delgada como uma moeda de 10 réis.

Isto é o aperitivo ou um exquisito «hors-d'œuvre», alguém afirmou do lado. Esperámos, mais. No entanto o pão já tinha desaparecido e reclamámos outro. Havia dificuldade em servir-nos outra dose, d'esse precioso companheiro; mas como éramos estrangeiros, lá vieram mais 50 gramas. O nosso apetite comeria um kilo d'ele!

3.º prato—Uma amostra de bife, com quatro, não mais, feijões brancos mas rijos como granito.

4.º e derradeira eguaria—dois centímetros cubicos de peixe frito. Seguiu-se uma fatia de queijo, e duas nozes, só duas, vieram mostrar que em França ainda se usava sobremesa.

Remate; a conta—4 francos e 75, e mais 50 centimos para o café. Uma bagatela!

Quizemos almoçar novamente.

Impossível. *Pas d'alimentation*.

Mas a nossa maior tortura, ainda nos esperava; conta-la-hei no proximo numero.

GUERRA MAIO.

Paris, março, 1919.

JOIAS NACIONAES

A CAPELA DE S. JOÃO BAPTISTA



HA, em Portugal, uma falta sensível única e exclusivamente derivada da nossa parca e deficientíssima educação. Na generalidade os portugueses não conhecem nem a sua propria terra, nem o que ella possui de belo, de precioso, de artistico. Cada um resume os seus conhecimentos ao que existe no pequeno torrão que lhe foi berço e nem a todos isso acontece; porque, em Lisboa por exemplo, ha muitos *alfacinhas* que nunca viram os seus museus e que sabem da existencia das suas obras d'arte simplesmente por... ouvirem falar n'elas.

E seja dito em abono da verdade — não ha atualmente tão poucos museus que não valha a pena visital-os, tanto mais que, quasi todos, são caracterisados por um verdadeiro cunho historico.

Mas, quando creanças, somos mandados para a escola, onde á força, nos metem na cabeça uma sciencia que nos torna inscientes; e no pouco espaço de tempo que estamos em contacto com a familia, ou ouvimos as conversas de má lingua sobre as familias das nossas relações, ou o papá á descompostura á mamã, aos manos, á sogra, cunhados, tias, etc., envolvendo tambem os creados e as creadas; ou, então, escutamos a apologia da monarchia, se o papá é ferrenho conservador, ou o mesmo papá e a mamã, em ardente e entusiastico dueto, exaltarem a republica, se o espirito dominante no ambiente é propicio ás qualidades que distinguem os homens d'essa politica.

E' claro que, n'estas circumstancias, o nosso espirito não pôde deixar de afazer-se ás condições do meio, d'onde resulta que a algumas creanças de...

peito, temos já ouvido interessantes dialogos politicos com as respectivas amas.

Antigamente, quando a escola era risonha e franca—como se diz n'um poema muito conhecido, a educação da mocidade era, talvez, menos consentanea com o progresso que então se esboçava simplesmente no campo verde da evolução, mas mais cuidada em relação ao tempo, não obstante apresentar deficiencias e lacunas que a escola devia suprir, mas que nem ella nem os responsaveis pela direcção educativa das creanças faziam por corrigir.

Assim é que nunca constituiu parte interessante do nosso programa educativo as viagens pelo paiz, ás suas provincias cheias de encantos naturaes, de belezas architectonicas e de preciosos padroes historicos, que em Portugal se encontram em abundancia; aos seus museus, repletos de ricas e inestimaveis obras d'arte e de elementos valiosissimos da mais pura historia e da mais valorosa antiguidade.

As serras, os montes e os vales, assim como os rios, os portos, os caminhos de ferro, tudo se aprendeu e se aprende ainda hoje pela singela descripção dos resumidos compendios escolares. As paysagens só são conhecidas atravez o lirismo dos poetas que conseguem ser lidos.

Os monumentos são olhados com a indiferença das coisas que causam estorvo no caminho. E no capitulo da literatura, conhecem-se mais todas as copias das revistas theatraes do que as delicadas obras em que os autores portugueses tiveram a infelicidade de gastar o seu tempo.

Todavia, qualquer garoto de quinze anos sabe hoje mais das subtilezas da vida corrente, do que, antigamente, a experiencia as mostrava aos homens feitos; mas, em compensação, estes apresentavam-se mais correctos nos seus gestos, mais eruditos em sua sciencia, mais brilhantes na sua apresentação.

E' que, em outros tempos, pensava-se—e com razão—que não bastava só a elegancia d'uma casaca ou a preciosidade dos bordados ou das rendas do seu colete para tornarem um homem distincto e que mais alguma coisa era preciso, tal como, pelo menos, as bases suficientes para se ali-

mentar e manter uma conversa com as gentis damas da sociedade.

Mas isso era no tempo das «donas, dos tempos idos».

Hoje, o pensamento absorve-se na «toilette» que, escravizando os homens aos comicos rigores d'uma extravagante moda, os torna ridiculamente disfrutaveis.



Estas considerações foram sugeridas pelo facto de haver muitos portugueses que nunca viram uma das muitas preciosas joias que se guardam dentro do nosso valioso sacrário d'arte.

E' ela a Capela de S. João Baptista, instalada na velha igreja de S. Roque.

Essa Capela que é d'um altíssimo valor quer pela sua antiguidade, quer pela sua riqueza, que a torna apenas imediatamente inferior á Capela Sixtina, dos domínios da Igreja, em Roma, foi construída n'esta Cidade em 1740, por mandado do Rei de Portugal D. João V, tendo sido desenhada por Luigi Vanvitelli. O seu custo foi de um milhão de cruzados.

Logo que foi concluída, celebrou-se n'ela a primeira missa, dita em Roma no ano de 1746 pelo Papa Benedito XIV, recebendo por esse serviço divino soma igual á do custo da capela.

Em 1747 chegou a Lisboa esse santo e artistico monumento, começando logo a ser assente no lugar onde hoje se acha; tarefa que ficou concluída no ano de 1752.

São preciosísimos os painéis em finíssimas pedras de mosaicos que a ornamentam. Os auctores d'estas obras foram os celebres artistas italianos Mathias Moretti, Philippo Picciretti, e Philippo Valcoy, que com o maior esmero se cingiram aos belos desenhos executados em modelo por outras não menores notabilidades como Agostinho Manucci, Rafael, Michel-Angelo e Greco Seni.

Além d'estas valiosas obras, ha ali também outras de não menos valor devidas ao talento artistico e inconfundível de Bento Coelho, Vieira Luzitano, Avelar Ribeiro; constituindo o tecto uma das mais belas pinturas na madeira existentes em Portugal.

Anexo a essa preciosa e artistica joia nacional existe o seu complemento, que é o riquíssimo thesouro, composto dos mais belos trabalhos em ourivesaria, paramentos e bordados. Todos os frontaes, cruces de altar, tocheiros, castiças, thuribulos, custodias, vasos de comunhão, relicarios, calices, etc. são da melhor prata dourada, cinzelados esmerada e caprichosamente, pelo que o seu valor intrinseco é inestimavel.

Este sumptuoso thesouro foi ex-

cutado pelos melhores ourives italianos do Seculo XVIII.

Ha, ainda, a juntar a todas estas preciosidades, uns candelabros em prata, obra prima da execução do celebre ourives Thomaz Germain, auctor da delicada baixela antigamente existente no Palacio da Ajuda e que servia aos grandes banquetes; e tapetes do mais consagrado valor entre os quaes figura o que foi mandado fazer expressamente para a Capela, cujo custo foi de 28 contos.

Tudo representa bem o fausto e a riqueza que em Portugal dominavam então.

Por esta palida descripção se pode avaliar quanto é valiosa essa Capela que se encerra entre as antigas paredes da igreja de S. Roque, no coração da nossa capital.

Pois, apesar d'essa centralisação, a maioria dos lisboetas não teve occasião

de a ir visitar; sabendo apenas que ela existe pelas descripções dos guias ou dos amigos que tenham podido melhor ocupar o seu tempo.

Mas, enfim — não devemos ser muito exigentes porque em Portugal, dez por cento da sua população saber da existencia d'alguma coisa boa no seu Paiz, já é motivo de ponderado apreço. Podia essa percentagem ser menor ainda, o que não constituia uma responsabilidade d'essa população, mas de quem tem tido sobre si o encargo de lhe proporcionar os meios de educação.

E' claro que, não a tendo, muito menos se pode ministrar'a aos outros. Mas como alguns teem a comprehensão dos seus actos, a esses é que atribuímos todas as culpas do nosso relaxamento.

Só nos peza não poderemos castigar'os.

MARIO DE MONTALVÃO

A EXPANSÃO COMERCIAL

FEIRA DE BORDEUS

DEVE realizar-se, de 31 de maio a 15 de junho proximos, a terceira Feira de Bordeus, que este ano terá, por certo, uma grande importancia, devido principalmente ao entusiastico afan que se desenvolve em França originado nas novas energias resultantes da paz que se aproxima.

A Feira de Bordeus, realisada pela primeira vez no ano de 1915, por iniciativa do sr. Charles Gruot, presidente da Camara Municipal d'aquella cidade, tomou logo, no ano seguinte, um grande incremento, elevando-se os negocios ali realisados a 15 milhões de francos, cifra essa que subiu, em 1917, a cerca de 25 milhões!

Este facto veio demonstrar á evidencia quão importantes seriam as transacções a realizar nos anos futuros; e por isso se constituiu uma Sociedade anonima para, anualmente, tomar o encargo de levar a efeito a realisacão d'essa feira; tendo sido o capital pedido por essa Sociedade, cerca de 300.000 francos, immediatamente coberto.

Todas as pessoas de categoria da importante região de Bordeus se reuniram em torno da Sociedade; e a Camara Municipal ofereceu os seus escriptorios, sendo alimontadas — e onde funcionam ainda, as varias secções de expediente, o Comité Central, etc.

Todos os artigos colonias francezes e muitos productos industriaes da região concorrem a esse certamen,

pelo que se pode prevêr uma funcção verdadeiramente consideravel.

Assim a feira d'este ano revestirá, certamente, uma não menor importancia, tanto mais que é já conhecida aancia dos francezes em aproveitar todos os possiveis ensejos para a expansão das suas forças vivas.

Segundo nos consta, varios comerciantes portugueses de Bordeus, entre os quaes a importante casa Lima Netto, vão concorrer a essa feira, além de varias casas de Lisboa e Porto; estando o nosso Consul n'aquella cidade, animado da melhor boa-vontade para que a nossa representacão resulte proveitosa para o nosso paiz.

Tanto o *Bureau de Renseignements* que a Sociedade Propaganda de Portugal instalou ha pouco em Bordeus, como o «Bureau» Central de Paris, tomam parte activa n'este importante certamen, havendo ali empregados dos mesmos, não só para tomarem conta de encomendas e pôr em contacto os nossos comerciantes e industriaes com o commercio francez, como também para dar todas as informacões sobre o nosso paiz.

Na mesma feira será creado um «Bar» onde um grupo de raparigas, vestidas á moda do Minho, servirá ao publico vinhos do Porto, café das nossas colonias, etc., o que sem duvida produzirá sensacão.

Oxalá os nossos comerciantes e industriaes comprehendam o alcance dessas feiras e o saibam aproveitar.

ARTE E LITERATURA

OS POBRESINHOS

DE GUERRA JUNQUEIRO

*Pobres de pobres são pobresinhos,
Almas sem lares, aves sem ninhos...*

*Passam em bandos, em alcateias,
Pelas herdades, pelas aldeias.*

*E' em Novembro, rugem procelas...
Deus nos acuda, nos livre d'elas!*

*Vêm por desertos, por estevais,
Mantas aos ombros, grandes bornais,*

*Como farrapos, coisas sombrias,
Trapos levados nas ventanias...*

*Filhos de Cristo, filhos de Adão,
Buscam no mundo côdeas de pão!*

*Ha-os ceguinhos, em trevas densas,
D'olhos fechados desde nascença.*

*Ha-os com f'ridas esburacadas,
Rôxas de lírios, já gangrenadas.*

*Uns de voz rouca, grandes bordões.
Quem sabe lá se serão ladrões!...*

*Outros humildes, riso magoado,
Lembram Jesus que ande disfarçado.*

*Engeitadinhos, rotos, sem pão,
Tremem maleitas d'olhos no chão...*

*Campos e vinhas!... portas com flores!...
Ai, que ditosos os lavradores!*

*Olha, fumegam tectos e lares
Fumo tão lindo!... branco, nos ares!...*

*Batem às portas, erguem-se as mães
Choram meninos, ladram os cães...*

*Resam e cantam, levam a esmola.
Vinho no buxo, pão na sacola.*

*Fruta da horta, caldo ou toucinho,
Dão sempre os pobres a um pobresinho*

*Um que tem chagas, velho coitado,
Quere ligaduras ou mel-rosado,*

*A outro, promessa feita a Maria,
Deitam-ihe azeite na almotolia.*

*Pelos alpendres, pelos currais,
Dormem deitados como animais.*

*Em caravanas, em alcateias,
Vão por herdades, vão por aldeias...*

*Sabem cantigas, oraçõesinhas,
Contos d'estrelas, reis e rainhas,*

*Choram cantando, penam resando,
Ai, só a morte sabe até quando.*

*Mas no outro mundo Deus lhes prepara
Leito o mais alvo, ceia a mais rara...*

*Os pés doridos lh'os lavarão
Santos e santas com devoção.*

*Para levá-los, perfumaria
Em gomil d'ouro, d'ouro a bacia.*

*E embalsamados, transfigurados,
Túnicas brancas, como em noivados,*

*Viverão sempre na eterna luz.
Pobres benditos, amen, Jesus!...*



DESGARRADAS

POR SALEMA VAZ

Ha n'este volume uma infinidade de quadras, mas só estas nos agradaram:

*Chorar na vida dá gosto
Ai, quem me dêra chorar!
— Que lindo que é o Sol-posto
Deitando sangue no mar! ..*

*Maria, meu Não-cerrado!
Não-cego, cego d'amar:
Amor-cego: não-atado,
Quem o pode desatar?*

Agradecemos a oferta.

O patriotismo francez e a defeza dos interesses hoteleiros

A EXPERIENCIA da invasão pacifica alemã em todo o mundo foi bem manifesta e bem sentida para que, agora que esse paiz se acha completamente aniquilado e anarchizado, os povos que mais sofreram com essa invasão deixem de tomar as defezas mais energicas e mais eficazes, a fim de evitarem que, pelo menos tão cedo, ele volte a estabelecer a concorrência em que poudo assentar o seu intenso predomínio.

Em todos os ramos da actividade humana, o espirito alemão marcou a sua época por um sulco mais ou menos sensível, cuja tendencia tinha por característica a sua acção absorvente.

Porém, um dos ramos em que mais se fez sentir essa acção, foi na industria hoteleira, possivelmente considerada como um vasto e propicio campo para a infiltração do espirito germanico e para outros e variados fins, entre os quaes a espionagem tinha um lugar primacial. E a tal ponto a concorrência alemã se intensificou n'esta industria, que em todas as partes do mundo, muito especialmente nas grandes capitães e nas thermas e estações de curas estrangeiras de maior nomeada, predominavam os hoteis de propriedade ou sob a gerencia alemã, sendo na grande maioria d'estes estabelecimentos o serviço feito por criados da mesma nação.

Embora se tivessem reconhecido já os perigosos inconvenientes de tão nefasta influencia, o certo é que ela se ia alastrando n'uma marcha vertiginosa, não sendo suficientes os recursos postos em pratica para a fazerem deter.

De resto, assim sucedia em todas as outras manifestações vitais em que o espirito alemão encontrasse qualquer interesse, por mínimo que fosse.

E', pois, para obstar a que essa concorrência venha facilmente a iniciar-se, fazendo-se por enraizar mais ainda o odio a tudo quanto possa traduzir uma parcela d'esse espirito, que os aliados estão tomando as maiores precauções e as mais energicas medidas de defeza, todas elas caracterizadas pelo sentimento do mais puro patriotismo e como desforço legitimo das ofensas sofridas.

Sob esta ordem d'idéas o *Sindicato geral da industria hoteleira de França* resolveu, n'uma das suas ultimas reuniões plenarias, que nenhum

dos seus associados aceite nos seus hoteis, durante o prazo de dez anos, quer como empregados, ou criados, qualquer cidadão dos paizes que pegaram em armas contra a França, á excepção, porém, dos Alsacianos, dos Lorenos, dos Polonezes, dos Yougos e Tcheco Slavos.

Esta medida, pela fixação do prazo determinado n'ela contido, tem dado lugar a diferentes apreciações e criticas, algumas das quaes teem sido pronunciadas publicamente. D'entre elas salientamos uma, talvez a mais interessante,—é a que foi livremente emitida pelo Presidente do Sindicato d'Iniciativa de Riom (França) no officio que dirigiu ao presidente da «Touring Club de France» e que a seguir nos permitimos a liberdade de traduzir do Boletim do mesmo Club, onde foi publicada na integra.

E' o seguinte:

Sr. Presidente,

Lemos recentemente nos jornaes uma nota do Sindicato Geral da Industria hoteleira, comunicando uma importante decisão d'esta Sociedade, que consiste no compromisso tomado pelos proprietarios dos hoteis n'ela inscriptos, de não aceitarem, durante «dez anos» nem como clientes, nem como empregados, qualquer cidadão natural dos paizes que estiveram em guerra contra a França, com excepção, porém, dos alsacianos, dos lorenos, dos polonezes, dos yougos e tcheco-slavos.

O Sindicato d'Iniciativa de Riom aplaude entusiasticamente essa decisão e aceita a justa razão do principio que a dictou.

todavia, ele permite-se a liberdade de fazer uma simples critica.

Qual o motivo porque se limita, desde já, a uma simples duração de dez anos, a proscripção do elemento inimigo no pessoal dos hoteis francezes?

Qual a razão d'um prazo tão curto, embora inferior—sem duvida—ao reatamento das relações economicas com os nossos barbaros adversarios e ás necessidades patrioticas da defeza nacional contra as tentativas dissimuladas d'infiltração e de espionagem?

Para quê, mesmo, se torna necessaria a fixação d'um prazo?

Não poderá o Sindicato da Industria Hoteleira ponderar essa sua resolução, desde que n'isso não haja qualquer inconveniente?

Cremos que o seu esclarecido patriotismo é um penhor seguro da oportunidade do momento para resoluções semelhantes.

Demais, deve ser, pouco mais ou menos, d'aqui a dez anos que as Escolas hoteleiras recentemente creadas, começarem a produzir os seus frutos e a fornecer o pessoal sufficientemente habilitado para as exigencias d'essa industria.

E era, então, que permitiamos á subtileza servil dos nossos inimigos, a liberdade de virem estabelecer a concorrência com o nos-

so pessoal e ainda por cima, drenarem em seu beneficio, o ouro francez!?!?

Emfim, parece-nos imposta a obrigação de virmos em auxilio da boa vontade dos membros do sindicato, para lhes facilitar os meios indispensaveis de apoio contra a importunidade e a pressão de solicitações que, por certo, terão influido na limitação de prazo inscripta na medida patrioticamente tomada.

Do mesmo modo, alvitramos que a boy-cottage ao inimigo se faça pelo processo, rapido e pratico, de impôr a todo o hoteleiro a afixação dos nomes dos seus hospedes e dos seus empregados, em lugar bem visível, indicando a sua nacionalidade e o paiz de que procedem.

Esta medida, que poderá ser imposta administrativamente, nada tem de excessiva, pois que, actualmente, os esclarecimentos devem figurar no registo de policia, além de que esse processo se acha já em uso na maioria dos mais importantes hoteis, para comodidade do publico.

A clientela franceza e aliada, inspirada n'estas patrioticas considerações, manifestará, na escolha dos hoteis, a sua aprovação a esta medida.

Tendo, assim, exposto as reflexões que nos foram sugeridas pela resolução do Sindicato da Industria Hoteleira, a que acima nos referimos, permitimo-nos a liberdade de as submeter á vossa apreciação, chamando para elas a esclarecida atenção dos membros do mesmo sindicato.

Queira aceitar, sr. Presidente, a expressão da nossa mais distincta consideração.

O Vice-Presidente do Sindicato de Iniciativa de Riom,

(a) Ch. Goyon.

A direcção do Touring Club de France, prestando o melhor acolhimento a esse patriótico brado, sugere a todos os outros sindicatos de Iniciativa a idéa de manifestarem também a sua opinião sobre o caso, aconselhando a que, desde já, sejam postas em pratica todas as medidas tendentes á defeza dos interesses nacionaes e á satisfação do seu patriotismo que reclama o mais justo e energico desforço pelas ingratidões que sofreu.

E assim se constituiu uma campanha genuinamente patriótica, de que, sem duvida, resultará a manifestação intensa do sentimento francez pela defeza dos seus direitos e interdição dos desejos inimigos, sob pena de vêr, dentro em pouco, a sua patria invadida pelo espirito germanico que, para conseguir os seus fins, se servirá de todos os possíveis meios.

HOTEL VIRIATO

A proposito da inauguração d'este hotel, que fica situado em Gouveia, o jornal «Noticias de Gouveia» transcreve a descripção que, acompanhando a photographia d'este novo estabelecimento, fizemos em o numero 64 d'esta Revista.

Agradecemos a distincção.

CIRCULAÇÃO DOS COMBOIOS

A SUA PROXIMA NORMALIZAÇÃO

Na Companhia dos Caminhos de ferro Portuguezes acha-se já em estudo o projecto do novo horario de comboios para as linhas do Norte, Leste, Oeste e Beira Baixa, assim como para a de Cintra e Cintura, o qual deverá ser posto em vigor no proximo mez d'Abril.

Por esse projecto é augmentado o numero de *trams* nas linhas suburbanas de Lisboa e Porto e serão restabelecidos os rapidos de Madrid e os comboios mixtos n.ºs 9 e 10, entre as duas capitales, com uma marcha mais acelerada, pois que partindo mais tarde das respectivas origens, chegarão também, mais cedo aos seus termos.

Esta mudança proporciona novas ligações para a Beira Alta, Beira Baixa e ramal de Caceres, respectivamente na Pampilhosa e no Entroncamento, o que trará para o publico e para o commercio vantagens muito apreciaveis.

Não é menos vantajoso também o restabelecimento dos antigos comboios n.ºs 9 e 10, com o que se consegue descongestionar os n.ºs 8 e 15, onde, por vezes a viagem era bastante incomoda pela extraordinaria aglomeração de passageiros, já actualmente um pouco menos sensível pelo restabelecimento dos rapidos tri-semanaes n.ºs 41 e 42.

Estes melhoramentos na circulação dos comboios da Companhia Portugueza veem também beneficiar as relações com o Norte do Paiz, pois consta-nos que os Caminhos de ferro do Minho e Douro modificarão o seu horario de fôrma a assegurar boas correspondencias tanto n'um como n'outro sentido.

Assim se fará sentir também em outras linhas secundarias.

E' claro que este importante beneficio é motivado pelo facto da C. P. ter já em deposito o carvão de pedra para assegurar o serviço projectado, pois, apenas, com o consumo de lenhas nas suas maquinas, não seria possivel obter-se os resultados que se esperam, por um bom aproveitamento de material e de percurso.

Se não sugerir, portanto, qualquer dificuldade, no futuro mez d'abril a circulação dos comboios entrará n'uma phase mais comoda; o que representa um duplo beneficio, pois que, na proxima época, não só os nossos viajantes terão maior facilidade em se fazerem conduzir ás thermas de que carecerem, como essas estancias de

cura contarão, por certo, um mais avultado numero de aquistas.

Para as estancias balneares também o novo serviço já representa alguma vantagem em relação ao que havia.

No que respeita ao Sud Express Lisboa-Paris, comboio que é absolutamente necessario para as relações internacionais e difusão do turismo, consta-nos que, por parte das Companhias Portuguezas e da dos «Wagons-Lits e des Grands Express Européens» ha os melhores desejos em effectivar, muito em breve, o seu restabelecimento. Porém, a dificuldade de regularisar ainda o transito nas linhas francezas, pela grande aglomeração de mercadorias nas estações internacionais e a substituição d'uma parte d'essas linhas, que se encontra muito fatigada pelo intensivo serviço durante a guerra, obriga a demorar-se mais um pouco essa tão desejada aspiração nacional.

E' de esperar, comtudo, que dos trabalhos confiados á Commissão encarregada de propor ao Governo as medidas que se tornam urgentes e inadiveis para obstar á concorrência dos caminhos de ferro internacionais atravez a Hespanha, surta qualquer proposta tendente a abreviar aquelas dificuldades, dadas as amistosas relações existentes entre Portugal e a França. Oxalá assim seja para bem do nosso Paiz.

ASSUMPTOS PALPITANTES

O tunel sob a Mancha

Um telegrama de Londres, publicado recentemente nos jornaes, dá a noticia da realisação, na Camara dos Comuns, d'uma reunião da commissão parlamentar incumbida de estudar o projecto da construção do canal sob a Mancha; tendo sido declarado por um dos membros d'essa Commissão que a consulta, a esse proposito, feita a 256 parlamentares, deu em resultado que 246 se manifestaram a favor da realisação d'esse projecto.

Parece, pois, que a sua effectivação será um facto dentro de algum tempo.

Como, porém, a construção d'esse tunel, além de exigir uma soma avultadissima de dinheiro, proporcionará o embate de interesses antagonicos, é

possivel que a tão almejada ligação entre a Inglaterra e a França não se realice com a facilidade com que muitos idealistas tem alimentado essa esperança; tanto mais que não foi agora, mas ha bastante tempo que essa idéa nasceu. Já Napoleão, depois da paz de Amiens, falando com o embaixador inglez sobre esse projecto, dizia:—«Era uma coisa que já devia estar feita ha mais tempo...»

E' claro que os interesses que pômos em destaque se referem mais especialmente ás condições inglezas; porque, no que respeita á França, ela não pôde senão acariciar essa idéa, que será também fortemente apoiada pela Hespanha, não só pela possibilidade da ligação de Londres ao Cabo, com a realisação do caminho de ferro transafricano pela projectada linha de Algeciras á fronteira franceza, mas ainda, para concorrer a via maritima nas relações dos paizes occidentaes com o Oriente.

Isso serviria ainda para a defeza dos interesses francezes n'uma futura concorrência alemã; e este é mais um motivo para que a França procure por todos os meios a realisação de tão colossal obra.

Esperaremos, porém, e veremos em que fica mais esta tentativa.

REGISTO

Da Secretaria de Estado da Agricultura recebemos o Boletim do 1.º ano, referente aos mezes de Agosto, Setembro e Outubro de 1918.

Agradecemos.

RENOVAÇÃO DAS ASSIGNATURAS

Tendo terminado um periodo das assignaturas da Revista de Turismo, solicitamos dos nossos muito estimaveis assignantes, a fim de nos evitarem maiores despezas de cobrança — já bastante onerosa actualmente, a extrema fineza de pagarem logo que lhes sejam apresentados, os recibos respectivos que vamos mandar cobrar por intermedio do correio; se não preferirem antecipar esse pagamento, enviando-nos em vale postal a importância correspondente, que é de \$70 por um semestre e de 135 por um ano.

Confiamos no bom acolhimento que o nosso pedido encontrará por parte dos amigos da Revista de Turismo, a qual d'esta forma presta um concurso de inestimavel valor; e assim expressamos aqui os nossos reconhecidos agradecimentos.

Na nossa administração, Largo Bordalo Pinheiro, 28, se encontram á disposição dos srs. assignantes capas artisticas para encadernar o 1.º e 2.º anos da **Revista de Turismo**, que vendemos ao preço de 1\$20, cada uma, sendo o pagamento adiantado.